

A nossa amiga Maria do Carmo Gregório abriu, com a Conferência que publicamos neste número de *Escola Moderna*, a comemoração dos 40 anos de trabalho de cultura pedagógica que vimos realizando no Movimento. Permite-nos, assim, compreender melhor o que foi durante mais de um século (de 1850 a 1974) o ensino da leitura e da escrita em Portugal. O que sobressai é a pobreza com que continuamos a viver, hoje como no passado, a iniciação à escrita da língua do povo que somos. E sempre o obstinado uso dos métodos sintéticos ou fonéticos atravessando os anos e estendendo-se muito para além do aceitável, até ao presente. Não é só o domínio dos manuais, confundidos com o método de ensino e de aprendizagem, mas é ainda a falta de alternativas para a organização das práticas pedagógicas e a preocupante situação da formação dos professores para o ensino da escrita e da leitura.

É oportuno, por isso, clarificar alguma coisa, neste domínio, acerca do nosso passado como movimento pedagógico e do presente que estamos construindo.

Alguns de nós, seguindo a herança de Freinet, orientaram a iniciação à leitura pelo Método Natural. Tratava-se de um percurso que decorria dos *textos livres* das crianças para, por um procedimento global que se encaminhava dessa escrita para a leitura, fazer adquirir a leitura pela análise dos enunciados das crianças, registados pelos professores, ou por elas próprias, quando aptas para tal.

Esse percurso, ainda inspirado nas querelas

do século XIX (atente-se na designação romântica de Método Natural), mas já em ruptura com os manuais de iniciação, designados por métodos, abriu, com inteligência, novas perspectivas à entrada no mundo da escrita. Foi uma ponte frutuosa que nos ajudou a melhor compreendermos a complexidade e a hierarquia do processo da escrita para a leitura. O Método Natural, no entanto, impunha-nos ainda a prioridade da *leitura*, não nos deixando ver em toda a sua extensão o poder instituinte e formador da *produção escrita* que permite a descoberta dos segredos da leitura. Nisso trabalhamos agora.

Os métodos de leitura, no sentido em que o mercado e as escolas os usam, não nos servem actualmente para nada e atrasam, até, os esforços congregados de alunos e de professores na apropriação da linguagem escrita.

Acentuemos desde já a importância decisiva que a realização oral e a realização escrita assumem na comunicação. Nessa dimensão produtora da linguagem, os papéis de ouvir e de ler integram os próprios actos da fala e da escrita, enquanto processos de percepção/compreensão.

Mas por força da tradição escolar, esta unidade dialéctica foi quebrada. Deu-se estatuto relevante à função de ouvinte e à função de leitor devido às condições alienantes da escola judaico-cristã europeia, ainda hoje sofridas por todos como coisa natural à aprendizagem escolar da cultura escrita, que tem sido passivamente sujeita à leitura.

ERROR: undefinedresource
OFFENDING COMMAND: findresource

STACK:

/DefaultColorRendering
/ColorRendering
/DefaultColorRendering